

# O Progresso Catholico

.... sequor autem, si quo modo  
comprehendam....

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

....ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destitutum persequor, ad bravius  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

11. 13. 14.



IMMACULADA CONCEIÇÃO

SUMMARIO: Seccão Religiosa: *Immaculada Conceição*, por P.; *Gottas de balsamo*.—Seccão Critica: *O missionario nas colonias*, por E. L.; *A educação e os exames officiaes*, por o ex-alumno do lyceu J. A. R.; *Notas*, por Dom Antonio d'Almeida.—Seccão Bibliographica.—Seccão Litteraria: *D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, por A. Moreira Bello.—Retrospecto, por R.—Variedades: *Sancta Catharina*.

Gravuras: *Immaculada Conceição*; *Monumento da Immaculada Conceição em Napoles*.

Subscrição em favor das Irmãs Hospitaleiras para defesa da Irmã Collecta

Transporte do n.º anterior . . . . .	18\$680
D. Rosa Emilia da Graça . . . . .	1\$000
D. Maria A. Emilia da Graça . . . . .	\$500
Antonio Augusto de Miranda . . . . .	1\$000
Albano Ferreira Lucena . . . . .	\$500
João dos Santos . . . . .	\$200
Q . . . . .	\$800
João das Tribunas . . . . .	\$500
Narciso Gonçalves . . . . .	\$050
D. Joaquina Maria d'Almeida . . . . .	\$500
Anonymo J. A. . . . .	\$500
Manuel Soares da Silva . . . . .	\$200
Somma . . . . .	24\$430

## EXPEDIENTE

Após o providencial communicado do sr. Pires Graça, exarado na pag. 253 da nossa Revista, muitos assignantes se tem apressado a fazer seu pagamento, pezarosos do embarço e prejuizo causados á empresa pela incuria em que se deixaram. Algumas cartas nos veem com expressões tam consoladoras e animadoras, que assás nos recompensam do sacrificio que nos impozemos. Que ha bons, bonissimos caracteres entre o povo portuguez, sabiamol-o de sobra. As excepções felizmente rarãem; as más doutrinas ainda não invadiram todos os corações.

Petição de novas assignaturas, mercê de Deus, tem ido muito além de nossa expectativa. Na Madeira e Algarve, sobretudo, ha um fervor que maravilha. No Algarve temos frequenzias ruraes com 10 e 15 assignaturas! N'isto muito temos que agradecer e louvar aos dignos Parochos, que tem feito uma admiravel propaganda. Honra lhes seja.

Alcançam grande procura as assignaturas subsidiadas, não levando muito tempo a não podermos dispor de mais, excepto se alguma alma bem fadada tomar o exemplo do nosso bemfeitor.

Continuam alguns a queixar-se de não serem as gravuras de rigorosa perfeição. Isto não é exacto: as gravuras são finas, o papel é que as não ajuda, nem nós o podemos fornecer melhor, que não queremos a empresa exposta aos *krachs*, tanto em moda n'estes ultimos tempos. Lembramos mais uma vez que os leitores, amantes de gravuras nitidas, podem com mais 200 reis tomar a edição em

papel de luxo, e ficarão bem servidos. Quando tem experimentado, se dão por satisfeitos.

Repetimos ainda, que é preciso: Todos os creditos ou dividas até 1 de janeiro ultimo, relativos ao *Progresso Catholico*, pertencem aos successores de Teixeira da Freitas, rua de S. Damasco, n.º 9. Os pagamentos do anno 13.º do *Progresso Catholico*, que principiou em 1 de janeiro do corrente anno, devem ser feitos ao actual administrador, o sr. José J. da Silva Guimarães, rua de Gil Vicente, 61. Alguns assignantes enviaram o pagamento do anno corrente aos successores de Teixeira da Freitas; algumas d'estas quantias ainda nos não foram participadas, mas esperamos que tudo se ha de aclarar com alguma paciencia e boa vontade.

Em Salir (Loulé) é nosso correspondente o R.º Prior Pedro Teixeira Ramos, a quem podem ser feitos os pagamentos.

A bonemerita Congregação das Irmãs Hospitaleiras não recorrera em vão á caridade de nossos leitores. Enche-nos de satisfação os seus donativos, mas mais ainda a sua boa vontade. Diz-nos um subscriptor: «E' pouco o que remetto; Deus suppra o pouco que é pela vontade com que o faço, e oxalá a innocencia se revele e demonstre bem patente aos olhos dos nescios e faltos de crencas, combanidos pela corrupção que tudo invade.» N'outra carta liamos: «Trabalhei e suei para economisar a esmolinha que remetto. Se porém Nosso Senhor abençoar o suor do pobre, estou certo que a minha offerenda será a ruina fatal do impio *Seculo*.» Ouçamos ainda outra: «Vai essa quantia para o processo da martyr Irmã Collecta. Ficamos orando a Deus se digne manifestar sua innocencia e encher de confusão os vis calumniadores.» Outra para findar: «Enche-me de honra auxiliar o processo da sancta Irmã Collecta. Mas olhe que a não lastimo, antes devóras a invejo, porque *Bemaventurados os que soffrem perseguições por amor da justiça, que d'elles é o reino do céu*».

O mundo, como se vê, continua dividido em dois campos, que se degladiam, uma parte á sombra do estandarte de Christo, outra sob o negro pendão de Satanaz. No entanto, Christo vence—*Christus vincit*.

Pedimos ao R.º Sr. Padre Manuel José de Sousa, de S. Roque do Faial, e ao sr. José Maria Guerreiro, d'Alportel, se dignem mandar-nos os n.ºs de suas assignaturas para os podermos attender no que pedem. Sempre

se tem dicto, e se repetirá, que os n.ºs são para nós de muita importancia, e muitas vezes são indispensaveis. Muitas culpas se lançam á administração, que pertencem aos assignantes, por esquecerem os n.ºs.

A ADMINISTRAÇÃO.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Immaculada Conceição

Eu sou a flor dos campos e o lirio dos valles.

Nas horas meditativas em que a vossa alma mais facilmente se eleva para Deus, segui a vereda estreita que serpeia nos campos, na quebrada das serras ou na profundeza dos valles, e admirai essa flor ainda humida do orvalho matutino, ou á tarde inclinada aos ultimos raios do sol; admirai mais ao longe, a surgir d'entre as sebes, o lirio branco e rescendente de mysteriosos perfumes. Deus me! quam bellas são as tuas obras e que aperfeiçoamento o nosso se dignamente as soubessemos contemplar!

A flor dos campos, o lirio dos vales, eis as sublimes imagens adoptadas pelo divino Espirito para designar á Virgem, immaculada em sua conceição. No devastado campo d'este mundo não ha mais que uma flor immaculada, um lirio de surprehendente alvura, incontaminado de espinhos, saturando de fragancias incomparaveis o céu e a terra! E' Maria Immaculada!

\* \* \*

Quem avalia a sanctidade de nossa Mãe! Apraz-me ver Magdalena aos pés do Salvador e no viso do Golgotha; o apóstolo S. Pedro quando chora amargamente o seu peccado; a Agostinho, quando nas praias de Carthago, ao lado de Monica, contempla convertido as abobadas do céu: preciosa é aos olhos de Deus a sanctidade do arrependimento. Mas não é esta a sanctidade de Maria.

Nunca Thereza de Jesus manchou por falta grave a alvura de sua innocencia; Luiz de Gonzaga e Stanislaõ Kortska são anjos purissimos na terra. Mas ainda não é esta a sanctidade de Maria.

Almas ha illustres, por Deus olhadas complacientemente antes de seu nascimento, e purificadas no ventre maternal: um Jeremias que nas lamentações soube egualar as dores; um João Baptista, o maior d'entre os filhos dos

homens; um José, supposto pae de Nosso Senhor e esposo amado da Virgem sancta. A sanctidade de Maria é mais distincta, mais admiravel, mais sublime. E' Virgem unica, Virgem sem par, *Virgo singularis*. «Quando se fala de Maria, não tem valor as regras ordinarias, diz Bossuet, vigoram sómente as regras de Deus.»

Venturosa Virgem! A Igreja ensina-me e creio amorosamente, cedendo á tendencia natural de meu coração, que fostes sancta, não só em vossa morte e em vossa vida, mas no instante mesmo em que vossa alma se uniu ao corpo. Pudésteis affirmar com verdade plena: «Foi a minha Conceição na justiça e na innocencia. Filha de Eva, não me alcançou a pena de sua primeira desobediencia, por que, na mente do Altissimo, fui concebida antes de Eva, e o fim de meu advento é a remissão de sua falta.»

Entre Maria e a serpente, a inimisa de, durante quatro mil annos predicta, não podia ser temporaria: importava fosse perpetua. Não logrará mordel a no *calcanhar*, isto é, na menor parte de seu ser. Esta é a crença dos seculos, desde Agostinho até Leão XIII. Os sanctos Padres e os Doutores da Igreja, no volver das edades, como arautos destinados a narrar a grande maravilha, concordam unisonos em todas as regiões da terra, e em seu cantico d'amor domina esta nota vinda do céu: «E's pura, sem macula, ó sancta Mãe de Deus.»

«Pela auctoridade de Nosso Senhor Jesus Christo, dos bemaventurados Apostolos S. Pedro e S. Paulo e pela nossa auctoridade,—disse o Sancto Padre Pio IX—declaramos e definimos que a Sancta Virgem Maria foi sempre, desde o primeiro instante da sua Conceição, preservada de toda a mancha do peccado original e que esta doutrina é revelada por Deus». (1)

Desde o principio insinuou Deus nas Escripturas este sacratissimo dogma; contou á Igreja este precioso deposito, e ella, guarda dos segredos divinos, não cessou de o abrigar em seu seio, de o professar, de o explicar, de o vingar dos assaltos do erro.

Germen, cada dia sobe, augmenta, desinvolve-se, e apparece emfim aos olhos de todos. Foi lançado por Deus no seio da Igreja.

A flor não desabrocha n'uma hora. Existe, inteira, no grão levado pelo vento ao cimo do rochedo, mas ha se de aquecer ao sol um dia e receber a frescura d'uma noite, para erguer ás aragens da tarde a haste brilhante e perfumada. Não se levanta em pé o homem no dia em que nasce: carece

de tempo para fitar o céu e fortalecer-se, e quando a fronte se enrugar e ennevarem os cabellos, terei sempre o direito de dizer-lhe: Tu és o mesino ser provindo do seio de tua mãe.

\* \* \*

Segundo este dogma, contido no thesouro da Igreja, Maria é immaculada. Eleva-se do deserto descansando no braço do seu amado. Deus, auctor das leis geraes, não se prendeu a si mesmo: é livre para agraciá a creatura a quem elegera. E Deus disse ás ondas impuras que fluem nas veias dos filhos dos homens desde o peccado de Adão: «Suspendereis vosso curso deante de Maria, não lhe tocaveis, quero que seja immaculada. E fez-se assim por um caso de excepção.

Como conceber, com effeito, Maria, tirada da raça humana para objecto das predilecções do Creador, caída nas torrentes do mal, infanda sorte de todos os homens? A Trindade Sancta, elegendo-a companheira no mais solemne triumpho contra o demonio, pudéra consentir que um instante fosse escrava d'elle? Não, mil vezes não: o Senhor levantou se e preservou Maria da mordedura do dragão infernal. Esmagou lhe a cabeça e impediu injectasse o fatal veneno na alma da escolhida para a honra da divina maternidade. A propria dignidade de Deus assim o reclama: o seio de Maria será o sanctuario de seu Verbo, ha que ser um solio de pureza. Maria, cooperadora na redempção do mundo, tem que subir a esta celsitude mediante privilegios excepcionaes.

E' um raio baixado da Cruz, uma gotta de Sangue divino, antecipadamente applicados, que determinam a Conceição immaculada de Maria. Aquelle que em breve ha de dizer de Si: *Quem de vós me pode accusar do peccado*, quer que assim tambem se diga de sua Mãe.

Canta, ó propheta do meu Deus, canta a concepção immaculada de Maria! Canta a flor dos campos e o lirio dos vales! Canta a intelligencia da Virgem em todo o sempre pura e recta; canta os dons sem fim que lhe outhorgara o Eterno, oceano de perfeições, oceano de belleza, oceano de amor. O' pomba minha, amada minha, vós sois toda bella, e mácula de peccado não ha em vós. *Et macula non est in te*.

Sêde bemdicto, Pio IX, amado Pontifice, que soubestes conhecer a hora de Deus, e constituindo-vos o echo de dezenove seculos de expectativa, pela vossa auctoridade infallivel declarastes IMMACULADA a nossa Mãe. E' a honra de vosso pontificado, a alegria do paraíso, o porvir do mundo nos tempos

angustiosos que atravessamos. Do Oriente ao Occidente suspendestes na abobada celeste o iris da esperanza e do amor: ahi a terra lê estas palavras que são uma prece: *O' Maria concebida sem peccado, rogai por nós, que recorremos a Vós*.

Aos arroubos da terra unem-se os jubilos do céu. Em 1858, na anfractuosidade d'um rochedo, ás margens do Gave, parou dezoito vezes a Mãe de Deus, a nossa Mãe, e o nome por Ella preferido a todos os mais ouviu-se nas palavras saidas de seus labios: EU SOU A IMMACULADA CONCEIÇÃO!

P.

## Gottas de balsamo

NUNCA MAIS vos canceis de exercer a humildade toda a vez que para isso tenhais occasião: Jesus, vosso modelo, d'ella vos dá bellos e innumeraveis exemplos. A verdadeira humildade consiste em bem vos conhecerdes a vós mesmos, em comprehender vossa pobreza e miseria, em referir a Deus todo o merecimento de quanto em vós possa haver de bom (1). A humildade foi sempre o fundamento das virtudes: sem ella nem os mesmos Anjos puderam conservar sua sanctidade no céu (2). Era infinitamente grata ao coração de nosso divino Mestre: nenhum dia se passou de sua vida mortal sem que o assignalasse algum acto d'esta singular virtude, tam frequentemente recommendada por palavras e exemplos. Se pois vos empenhais em agradar-lhe, se aspirais á sanctidade, sede humildes, não só de vozes, o que é mui facil, mas sinceramente, mas de todo o coração. Não vos indigneis pois dos desprezos dos homens, nem de seu injusto proceder para comvosco; soffrei-os antes com paciencia, e até com alegria, que por este meio facilmente chegais á posse d'esta admiravel virtude. Tende-a como um thesouro de inestimavel valor, e sabeis que embora praticasseis milagres, foreis aos olhos de Deus um objecto de abominação, se esta virtude vos faltasse. Supplicai a pois todos os dias ao Senhor, e não deixeis perder um instante só em que, podendo, não pratiqueis um acto de humildade.

(1) Humilitas est virtus qua homo verissima sui agnitione sibi ipsi vilescit. (S. BERN.)

(2) Fundamentum sanctitatis semper fuit humilitas, nec in caelo stare potuit superba sublimitas. (S. CYP., *Traat. de Nat. Christi*.)

(1) Decreto de 8 de dezembro de 1854.

## SECÇÃO CRITICA

## O missionario nas colonias

A REPUBLICA franceza tem no Dahomey (Africa) um missionario, o R. Padre Dorgère, que é d'uma tal dedicação que o torna celebre entre os notaveis evangelisadores do continente africano. O padre Dorgère sob as vestes clericas abriga um coração onde impera a virtude a par do heroismo mais estremado. Heróe pela fé, não o abatem tempestades nem o acobardam as provações do captivo. Sagrada a vida ao seu Deus, nem se lembra pou-pal-a quando recrecem sobre ella as mais assustadoras ameaças. Dorgère, de per si só, tem feito mais no Dahomey em prol da França que os milhares de soldados que ella para alli envia a punir as injurias á sua bandeira.

O intrepido Padre, agora em França, dirigiu aos antigos alumnos dos Irmãos das Escolas christãs um notavel discurso á cerca da terra em que tem missionado.

«Ah!—exclamou o orador n'um dos pontos do seu discurso— se n'aquellas paragens fosse livre o missionario... Deus sabe quantos prodigios não realisaria em favor da sua patria, sem estrondo, sem soldados... muitas vezes sem dinheiro, graças tam só á influencia de seu caracter sagrado.

«Mas...»

E aqui—diz o *Pèlerin*—o heroico missionario, sete vezes salvo do naufragio, onze annos poupado por um clima mortifero, livre de ser contado entre as victimas humanas sacrificadas pelos barbaros do Dahomey, relatou com as devidas reservas o proceder extranho, exercido alli pelos agentes francezes.

As palavras do venerando missionario, martyr da civilisação e da fé, deixam perceber duas importantissimas verdades, que, em sendo attendidas, grandemente influirão nos progressos educativos dos nossos irmãos d'além mar. O influxo do sacerdote catholico, que lhes apparece, em nome de Deus, aureolado de virtudes, estimulado por uma dedicação que não affrouxa deante dos mais arduos perigos, subjuga ineluctavelmente a indole feroz d'esses indomáveis filhos das selvas, ao passo que os indigna e enche de justificado odio contra o europeu o proceder proprio, tam amiude effectivado, do funcionario civil ou militar, que alli vai com sua desmedida ambição, com sua crassa immoralidade lesadora dos dez mandamentos todos da lei sacratissima de Deus.

São estas infelizmente as entrelinhas

do vehemente discurso do Padre Dorgère!

Se não fora o missionario, a Europa não metteria lança em Africa, que lh'o impediria a tenacidade de seus naturaes.

E ainda teremos quem estorve o missionario? quem se não anime a auxiliá-lo, ajudando vocações, e protegendo decedidamente as Ordens religiosas, mananciaes fecundos de zelosos e perfectos evangelisadores africanos? Os males do Dahomey são egualados, se não excedidos, pelos que todos os dias se repetem em nossas colonias, sem para elles haver a abundancia de remedios proporcionados pelas missões francezas.

Ha muito pois que cuidar a nosso respeito: Liberdade aos frades e repressão aos immoraes; destrua-se a maçonaria e estabeleça-se o reinado de Jesus Christo. Só então será digna a Europa de trazer ao banquete da verdadeira civilisação as immensas multidões que vivem ainda á sombra do erro.

O *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, em seu ultimo n.º, traz duas paginas preciosissimas, que deveram dar luz a muita gente, se não teimasse em fechar os olhos para não ver. Os males da patria, tam centuplicados hoje na politica, nas finanças, na administração, no ensino, na milicia, são punição de culpas nacionaes, que se não diminuirem, produzirão no futuro males maiores ainda. Nos mesmos bons, é tamanha a incuria, é tal o horror ao sacrificio, que parece estamos nas vespervas do diluvio: na arca trabalha apenas Noé e a familia!

E' tal a força que impelle a nação para o abysmo, que só outra força a pode amparar—a força das Ordens religiosas. Por isso quem as não auxilia podendo, ou com pessoas ou com recursos, é um traidor á patria, que não está apenas a traição em abrir as portas ao inimigo, está tambem em não erguer o braço para o repellir.

Queremos restaurada a nação na politica, nas finanças, na administração, no ensino, na milicia? Ajudemos prestamente, incondicionalmente, afincadamente as Ordens religiosas, e teremos feito a melhor obra que podemos fazer perante Deus e perante os homens.

Vamos ao *Novo Mensageiro*: «Escreveram da nossa Africa para Cochim aos vinte e tres de Novembro:—«O Governador geral Machado insta pela sua demissão. Ha dias, foi convidado para ir a bordo do navio almirante da esquadra ingleza de Zanzibar assistir a um jantar de gala. Fimdo o banquete vieram os convivas para o tombadilho tomar o café, e depois o almirante inglez, acompanhado por os demais offi-

ciaes, passou a mostrar o navio ao governador. Quando passavam ao pé d'um grande canhão Armstrong, que se carregava por meio de um ingenho mechanico, o almirante apontando para a nossa fortaleza de S. Sebastião, exclamou:

«—Excellencia, este canhão é uma fera terrivel que com uma só dentada tritura todo o esqueleto d'aquelle forte!

«Este Governador, se nos não enganamos, e todos quantos sabem coisas da Africa, tem envidado os maiores esforços para que a Africa seja arroteada em todo o sentido; e para isso os melhores e mais economicos operarios são os religiosos. E se tanto insistimos n'este assumpto, se tantas vezes havemos recordado o meio unico de conservar o que resta, é porque muito nos dóe essa lucta esteril, esse patriotismo inutil, essas vezes perdendo-se no deserto, todo esse esforço mal intencionado ou mal dirigido, uma má vontade, um medo disparatado, respeitos humanos emfim, e todas as nações catholicas ou protestantes não encontram outra fonte de prosperidade além das Ordens religiosas. A Turquia, essa legendaria ou historica Turquia que serve de maxima ou proverbio para tudo quanto cheira a despotismo, essa mesma nação ergue-se e levanta-se d'esse lendario despotismo para saudar com vivos entusiasmos as Congregações religiosas que trabalham n'aquella nação de infelizes! Os reinos onde tremula o estandarte do christianismo como symbolo de alegria em festa aldeã, parecem olhar indifferentemente para esse estandarte, que é um *resumo historico dos mais elevados feitos do clero regular, a pagina mais brilhante das Congregações religiosas.*

«O Sr. Antonio Ennes a estas horas tem visto muita coisa em Africa, e naturalmente havia de pedir que lhe ensinasse a fazer o signal da Cruz para se benzer muitas vezes da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

«Apezar de seus *Lazaristas* elle havia de mandar ao demo a cardada, e dizer para Portugal que mandem para a Africa missões ou missionarios regulares, porque outros, ainda que tenham boa vontade e queiram fazer muito, não podem nada, arruinam-se e perdem-se em todos os sentidos muitas vezes.

«Nunca nos havemos de convencer que haja um grande cuidado pela conservação do nosso patrimonio, emquanto não virmos rasgado o principio de «percam-se as colonias...» com a realisacão pratica, isto é, enviando para a Africa obreiros catholicos.»

«A *Revista Cat.* copiou o seguinte trecho, realmente satanico, de uma cir-

cular maçónica do Grande Oriente.: de França:

«Apenas se conseguirão fructos me-  
diocres em materia de instrucção leiga se não se logra impôr silencio ao cle-  
ro. Para chegar a este resultado é ne-  
cessario que o governo destrua o sar-  
cerdocio por meio de uma lei que o re-  
duza á inacção, impedindo-lhe exercer  
a sua influencia sobre o povo. Para isso  
precisa-se que continue perseguindo os  
clerigos, fazendo-os passar por homens  
que não creem nas virtudes que pré-  
gam, que carecem de instrucção e que  
vivem da ignorancia publica. Ao mes-  
mo tempo é mister persuadir os ecclé-  
siasticos que os governantes são ami-  
gos e protectores da Igreja, para que  
abandonem as fileiras da opposição e  
rendam as armas.»

«E a proposito, devemos ter presente  
O PROGRAMMA DAS LOJAS—que na sua  
importantissima Encyclica Leão XIII de-  
nunciou, e se resumê assim:

«A acção maçónica procura actual-  
mente conseguir estes fins, segundo as  
resoluções votadas em suas assembléas  
mais auctorizadas, resoluções inspiradas  
pelo odio mortal que professa á Reli-  
gião: *Abolição nas Escolas* de todo o en-  
sino religioso e fundação de institutos  
onde os jovens estejam apartados de  
toda a influencia clerical, qualquer  
que seja, já que o Estado, que deve  
ser absolutamente atheu, tem a obriga-  
ção e o direito inalienavel de formar o  
coração e a intelligencia dos cidadãos  
e nenhuma escola deve eximir-se de  
sua inspecção nem de sua influencia.—  
Applicação rigorosa de todas as leis vi-  
gentes destinadas a assegurar a inde-  
pendencia absoluta da sociedade civil  
contra toda a influencia religiosa. Pon-  
tual cumprimento das leis de supressão  
dos institutos religiosos e emprego de  
todos os meios para tornar efficazes as  
mesmas leis.—Accumulação dos bens  
que constituem o patrimonio ecclési-  
astico nas mãos do governo, partindo do  
principio que a este pertence a pro-  
priedade dos mesmos bens, que devem  
ser administrados pela potestade civil.  
—Exclusão de todo o elemento catho-  
lico ou clerical na administração publi-  
ca, nos asylos, Obras pias, escolas, nas  
assembléas em que se preparam os  
destinos da patria, nas academias, cir-  
culos, sociedades, juntas e familias;  
exclusão de todo o elemento catholico  
em todas as partes e para sempre...

«En seu logar a influencia maçónica  
deve fazer-se sentir em todas as cir-  
cumstancias da vida social e constituir-  
se como arbitra e senhora universal.—  
Com isto se aplanará o caminho para a  
destruição do Pontificado; assim se li-  
vrará a Italia do seu implacavel e mor-  
tal inimigo; e Roma, que foi nos tem-  
pos passados o centro da theocracia

universal, será no futuro o centro da  
secularisação universal, d'onde deverá  
proclamar-se á face do universo a *Car-  
ta Magna* da liberdade humana.»

«E' horrivel! Mas mais horrivel do  
que isto é serem ouvidas similhan-  
tes coisas a sangue frio por certas po-  
tencias que ainda se chamam catholi-  
cas, e até por certos homens que se  
dizem catholicos e «não livres-pensa-  
dores!»...»

Eis ahi a verdade, e a verdade ou  
salva ou mata, segundo o uso que d'ella  
se fizer.

E. I.

## A educação e os exames officiaes

(Continuação do n.º antecedente)

«Dê-se o ensino mas não  
se lance o peizo ao estudo.»

(Relatorio do conselho do lyceu  
nacional de Lisboa em 1869.)

**D**IFFICIL fôra, senão impossivel, cre-  
mos nós, imaginar instituições  
mais funestas que as introduzidas  
pelo liberalismo; porque, sendo ellas,  
como são em realidade, por extremo  
corruptoras e causa activissima de ma-  
les sempre crescentes, ostentam toda-  
via exteriormente o que quer seja de  
espectoso e fascinador, chegando a pro-  
vocar nos principios um tal ou qual  
progresso facticio, logo de vistas, ephé-  
mero sim, mas mui a proposito para  
desnortear os espiritos superficiaes e  
irrellexivos.

Exemplo mui frizante d'esta verdade  
são os exames officiaes á moderna. Po-  
derá acaso encontrar-se uma instituição  
apparentemente mais inoffensiva e ino-  
cua a promover o progresso das sciên-  
cias e da cultura intellectual? Comtudo  
affirmamos (o que já estabelecemos em  
these), serem os exames officiaes, como  
se effectuam entre nós, nocivos á ins-  
trucção, ao progresso das sciencias, ao  
desenvolvimento intellectual, e destrui-  
dores da verdadeira educação, fazendo  
prevalecer no ensino os principios pe-  
dagogicos da *revolução*, cujo advento  
e triumpho definitivo, ainda mal! vão  
preparando d'um modo efficacissimo.

Terá porém a *revolução* principios  
educativos proprios? e no caso affirma-  
tivo quaes são elles?

Sendo a *revolução* a synthese com-  
pleta e perfeita do anti-christianismo,  
podemos sem mais indagações asseve-  
rar *a priori*, não só que a *revolução*  
tem principios educativos proprios, mas  
é-nos licito até dizer estarem estes, for-  
çosamente, em diametral opposição com

os do catholicismo, synthese do chris-  
tianismo em toda a sua pureza estru-  
ctural. Ora duas verdades fundamen-  
taes orientam e guiam a pedagogia ca-  
tholica nos seus processos educativos:  
*primeiro*, é o dogma da degeneração  
do genero humano pela queda original;  
*segundo*, é a crença n'esse duplo fim  
do homem—um, ter-no e secundario,  
outro, celeste ou divino e primario.  
D'ahi a definição da educação no senti-  
do catholico: é o «aperfeigoamento har-  
monico e progressivo do ente humano,  
assim physico como espiritual, pela re-  
pressão ou emenda dos defeitos nati-  
vos, illustração da intelligencia, e ro-  
bustecimento da vontade para a pratica  
da virtude, com o intuito de tornar o  
homem apto a realizar o seu duplo fim.»

Este systema pedagogico apresenta  
evidentemente duas características: a  
*repressão* dos instinctos máos e a *ele-  
vação* do homem a um fim sobrenatu-  
ral, graças á influencia benefica da re-  
ligião, que até á epocha revolucionaria  
que vamos atravessando, dizamol-o as-  
sim, tinha sido para *todos os povos*, ci-  
vilisados ou barbaros, como o agente  
mais poderoso e o fundamento indis-  
pensavel da educação.

Eis indicado succintamente o ideal  
da pedagogia christã, em que sobresa-  
hem, como se vê, duas características:  
a *repressão* dos germens damninhos em-  
briónicos no coração da criança, ten-  
dentes sempre a desinvolver-se e neu-  
tralisar as boas propensões, como n'uma  
pedra as ervas estereos e ruins, que  
não fossem eliminadas cuidadosamente,  
abafariam em breve a boa semente; e  
a *elevação*, o enaltecimento da alma,  
que por um esforço sublime se empe-  
lha em reproduzir em si, quanto é pos-  
sivel, á fraqueza humana, pela pratica  
das mais heroicas virtudes, a imagem  
da divindade.—*Estote perfecti sicut Pa-  
ter vester celestis perfectus est*—Sendo  
isto assim, é-nos licito presuppor, des-  
de já, que existem no systema pedago-  
gico da *revolução* tendencias exacta-  
mente contrarias, e que ás affirmações  
catholicas correspondem negações em  
contrario cathogicas e terminantes.  
E de facto é esta a verdade pura: Toda  
a pedagogia anti-christã está baseada  
na *dupla negação do peccado original*  
e do *fim sobrenatural do homem*, como  
vamos demonstrar rapidamente.

Negam, primeiro, os revolucionarios  
a degeneração nativa do homem; para  
elles, todo o homem nasce bom, santo,  
immaculado. Esta asserção da seita é  
mesmo o ponto de partida ou raiz ge-  
neradora de toda a doutrina revoluciona-  
ria, que negando a existencia do mal  
no coração do homem, affirma ser elle  
inherente á sociedade tal qual se acha  
actualmente organizada. «Tudo é bom  
saindo das mãos do Auctor das cousas,

tudo degenera saindo das mãos do homem», disse Rousseau (1). «A natureza, entregue a si, é simples e recta; nunca pratica a maldade, mas sempre a virtude. O homem é naturalmente bom, quem o deprava é a sociedade.» (2)

«La loi de la nature est la première loi  
• Elle seule autrefois conduisit nos ancêtres.»

O peccado original, para os sectarios, consiste na destruição do estado da natureza e na formação da sociedade. «A reunião dos homens em sociedade, eis o tumulto da liberdade e da verdadeira felicidade. D'estarte perdeu-se o Eden, o paraíso terreal, e nasceu a escravidão, o peccado, causa de todos os males. (3)

«O homem civil nasce, vive e morre na escravidão: ao nascer apertam-no em faxas; ao morrer pregam-no n'um atande; enquanto veste a figura humana, é algemado pelas nossas instituições.» (4) O grifo é nosso.

«Todos os caprichos philosophicos chamados deveres não tem relação nenhuma com a natureza», disse Fourier, d'onde concluiu: «A verdadeira felicidade consiste em dar largas ás paixões. D'esta doutrina resulta evidentemente que a restauração ou redempção do homem consiste na emancipação da razão pela liberdade absoluta de pensar; na emancipação dos sentidos pela reabilitação da carne; na emancipação dos filhos pela destruição do poder paternal, etc...»

Ousam até os sectarios attribuir este modo de pensar a Jesus Christo!! «A doutrina da Redempção, pela destruição do estado social e a reintegração no estado de natureza pura, era, dizem elles, em demasia sublime para ser communicada ao espirito grosseiro dos apóstolos; foi confiada a alguns adeptos occultos que a foram transmitindo de geração em geração aos iniciados, aos puros.» (5)

Não pode haver sombra de duvida, os revolucionarios racionalistas e liberaes puros, negam o peccado original. E' esta negação a base ou origem de todo o seu systema, de sorte que, no dizer de Donoso Cortez na sua famosa carta ao Cardeal Ferrari, todas as affirmações do liberalismo e da revolução seriam verdades inconcussas, supposta a não existencia da queda primitiva e da deturpação do genero humano pela transmissão incessante do peccado original. Para elles, pois, a natureza é

boa, o mal não reside no coração depravado do homem, nem na vontade debil da creança; foi engano de todos os seculos o admittir-se com o poeta latino: *Videtur meliora proboque deteriora sequor*. O mal reside na sociedade, filha do Christianismo, que ideou mil preconceitos caprichosos e lançou mil peias abominaveis á liberdade innata do homem; «toda a nossa soberdoria escreve Rousseau, consiste em prejuizos servis; todos os nossos usos são apenas subjeição, martyrio, constrangimento». (1) Abaixo com tudo isso, e volvamos á simplicidade primitiva em que nem havia deveres nem encargos penosos, nem desigualdade, nem propriedade, nem sobrevivencia.

D'este monstruoso sophisma, formulado primeiro por aquelle doído sublime chamado Rousseau, é que nasceu a revolução com a sua furia demolidora.

Se o mal reside na sociedade tal qual existe, cumpre effectivamente destruil-a e construir por sobre as suas ruinas um edificio novo. Não tem faltado com effeito tentativas violentas para conseguir esse fim desejado; todavia ainda permanece em pé, embora abalado em suas bases o annoso alcaçar, a monumental e complicadissima construção, erigida pelo christianismo. Como derrubal-a? A violencia, as perseguções cruentas nada podem. Ah! A escola, a instrução da mocidade segundo o systema moderno, eis o meio effcaz, eis o camartello! Exclamavam á uma todos os sectarios:

«Se Marco-Aurelio, em vez de recorrer aos liões e ás polés, lançara mão da escola e do ensino official racionalista, conseguira muito melhor impedir que o mundo fosse seduzido, como succedeu infelizmente, pelo sobrenatural christão.» (2)

«Arruinaremos de vez a Igreja por meio da escola leiga; o padre será aniquilado pelo mestre moderno.» A escola moderna é o seminario do futuro. (3) D'ella sahirão cidadãos amadurecidos ao sol do livre-pensamento». No pensar dos revolucionarios a escola deve ser o foco do racionalismo como a Igreja tem sido o do christianismo.

Um volume seria insufficiente, se quizessemos reproduzir quanto se tem escripto sobre este momentoso assumpto, tanto no campo da impiedade como no da Igreja. O que dizemos porem é bastante para comprovar-se claramente a nossa asserção. Resta expôr resumidamente o systema pedagogico da revolução. E' a priori de toda a evidencia, que deve estar em formal opposição com a pedagogia christã; partindo

de principios contrarios ha-se forçosamente de chegar a conclusões antitheticas. E' o que succede, como passamos a ver.

(Continúa)

O ex-alumno do lyceu J. A. R.

## Notas

40.000 é a cifra calculada dos ladrões e assassinos em Pariz; não é pequeno exercito; e quanto não seria este mais numeroso, se não fôra a continua e zelosa acção moralisadora do clero! Dizia-me na capital da França um Sacerdote: nós estamos aqui sempre no combat! A Republica opportunista occupa-se do crime só pela Policia e pelo Tribunal, porém estes dous elementos são insufficientes para moralisar, é o Padre que moralisa radicalmente. N'um periodico moderno lia-se ha pouco: «Eu gosto da *Estado Média*, e tenho pena de não ter nascido n'essa epocha, em que havia crenças sinceras, e affeições puras.» *Estes* não vai com a *turba modernissima*, que em sua raiva injuria *aquella Estado*, só porque n'ella se deram tantos rasgos heroicos de verdadeira crença, e muitos arrependimentos de vidas desregradas voltando-se para Deus, como dizia na cadeia um de meus Lentos. Ha em Pariz, na rua *Oudinot*, um convento de *Irmãos, Frades, do Santo João de Deus*, que nasceu em Monte-Mór-Novo, no Alemtejo, é pois um *Santo portuguez*. O Instituto Religioso, fundado por este Santo, tem por fim especial cuidar dos doentes como enfermeiros, *Mestres*; e é mui espalhado pelo mundo com os seus conventos; já tive o bem de visitar o da rua *Oudinot*, que esta n'um pé, que no conceito dos Medicos e Cirurgiões de Pariz não é excedido por nenhum outro hospital n'aquella cidade. Não ha muito tempo estiveram no mencionado hospital de São João de Deus, em Pariz, dous cavalheiros portuguezes e de familias ricas, e mui conhecidas, em virtude do conceito que formavam, e é notorio, da mesma casa hospitaleira fradesca; tomaram achar-se lá os inimigos dos frades que n'esta hora se acham *enfermos*; a doença não deixa de ser *boa conselheira!* Ultimamente falleceu no supra referido hospital fradesco o snr. Conde de Montfort, que de Brest foi a Pariz e se entregou aos bons cuidados dos *Irmãos de S. João de Deus*.

Sua Eminencia o Cardeal Francisco de Paula Schoenborn, Arcebispo de Praga, expôs por escripto a Sua Santidade Leão XIII a desgraça dos *duellos* e a muita repetição de estes na Alemanha; o Pontífice-Soberano respondeu

(1) *Emílio*, pag. 5.

(2) *Helvetius*.

(3) *Voltaire, Dis. do Hierophante*.

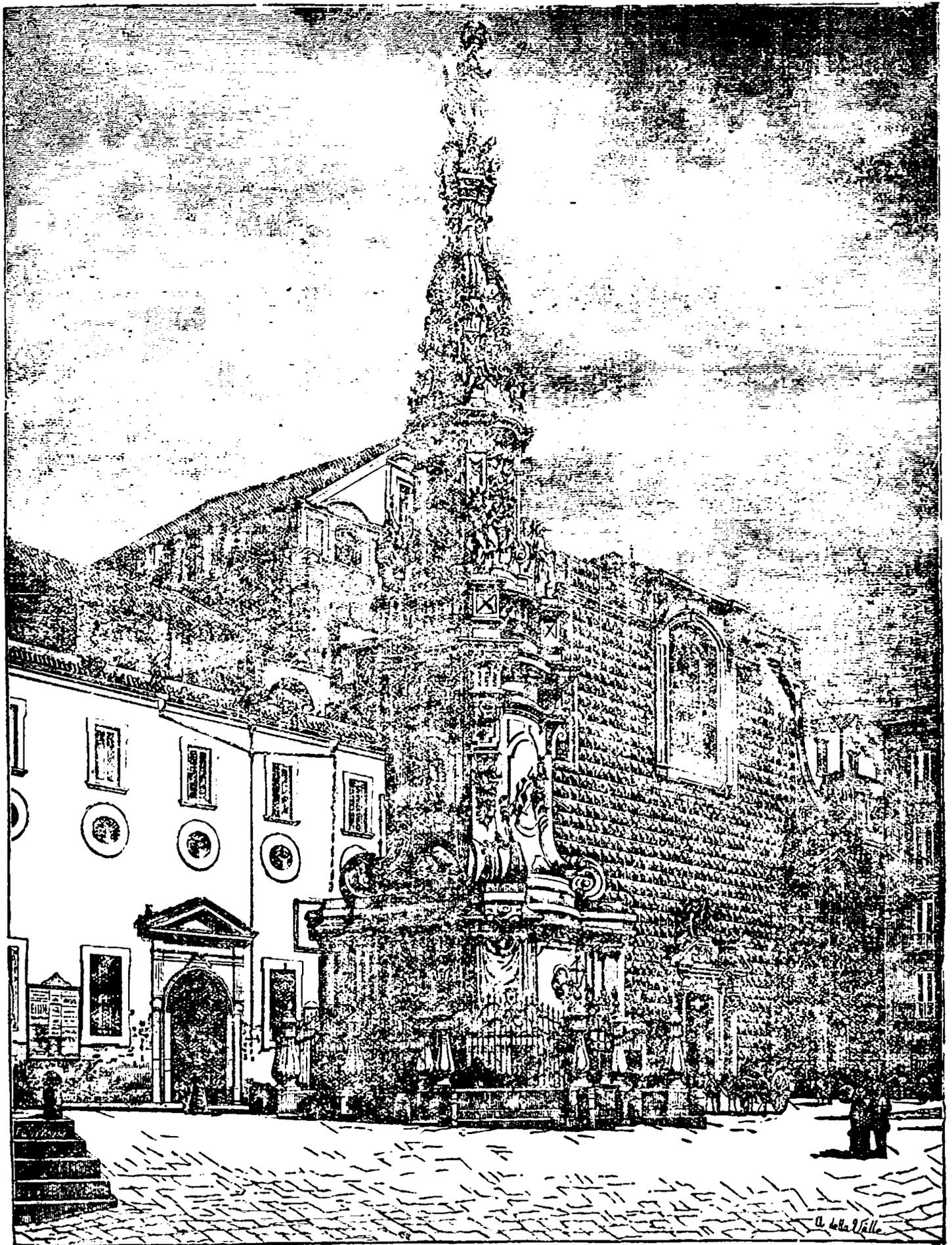
(4) *Emílio*, pag. 13.

(5) D. Benoit, *La Cité Antichrétienne*, tom. I, pag. 79-80.

(1) *Emílio*, pag. 13.

(2) *Renan*.

(3) *Gambetta*.



MONUMENTO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO EM NAPOLES

ao referido Eminentissimo Arcebispo por uma *Epistola*, dirigida a este Prelado e ao Cardeal Arcebispo de Colonia, e aos mais Arcebispos, Bispos e Ordinarios do Imperio da Allemanha e da Austria-Hungria. A *Epistola Papal* condemna de novo os *duellistas*, os chamados padrinhos de estes e testemunhas, e ainda aquelles, que podendo impedir os *duellos*, os não impêdem. A *preciosa Epistola* é um magistral tratado condemnatorio do *duello*, debaixo do ponto de vista da *Lei Natural* como da *Lei Positiva*, tendo estas duas Leis o Mesmo Legislador *Deus!* Como se procura uma *evaziva* para defender os *duellos* entre militares, estes mesmos *duellos* Sua Santidade condemna, como pune com sua sentença os *duellos* entre e nas *iguas circumstancias* dos não militares. A respeitosa menciona da *Epistola* tem a data de 12 de Setembro do anno de 1891, decimo quarto anno do Pontificado glorioso do Supremo Doutor Leão XIII.

No *duello* junta-se á gravidade do facto a essencia do ridiculo: nem mesmo significa valer ou intripidez humana, mas só *respeitos humanos*. *Emile de Girardin*, a quem me encontrei em Roma, foi o *pai* do *jornal* de Paris *La Presse*, e *jornalista* por muitos annos; cahiu na desgraça de ser uma vez *duellista*, mas ficou tão horrorizado depois do *duello* que fez proposito tão firme, de nunca mais provocar ou aceitar *duello*, que achando-se depois n'um dos theatros da capital da França e recebendo da parte de outro assistente a provocação *por um esgarro que recebeu na face a proposadamente* não quebrou seu proposito firme; melhor fôra que não tivesse *cahido na primeira*, mas não *cahiu na segunda*—*in hoc laudo!* A *Lei* civico-criminal tambem prohibe o *duello* e sustenta a pena sobre os *duellistas*, porém n'isto como no mais *hoje* ri-se da *Lei* e quasi que a *Lei moderna* se ri de si na sociedade modernissima; e *querem muitas cousas!* dizia ha mezes o *Desembargador* em tom critico.

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

• *Os Mystérios da Franc Maçonaria*. por Léo Taxil. Versão portugueza do R. Padre Francisco Corrêa Portocarrero, com uma dedicatória do Auctor a S. Magestade a Rainha D. Amelia. Com autorisação do Em.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto, obra que mereceu um breve de S. Sanctidade Leão XIII e foi abençoada e louvada por muitos prelados francezes e italianos. Contém mais de cem gravuras elucidativas do texto. Cada fasciculo, de 32

paginas e 4 gravuras, custa 100 reis. Editor—sr. Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113 — PORTO.

Recommendamos aos leitores esta notabilissima obra, uma das mais eruditas do prodigioso escriptor, por tanto tempo flagelo da Igreja, e hoje, reduzido pela graça divina, um de seus mais strenuos defensores. O benemerito editor é digno da leal coadjuvação de todos os catholicos e ainda dos não catholicos que desejem conhecer a verdade.

## SECÇÃO LITTERARIA

### D. Fr. Bartholomeu dos Martyres

Doce musa de Andrieux, se melica soubeste Bondade celebrar de angelico Pastor, Que, emquanto a mente traz pela manão celeste, Nutre, da humanidade, o coração no amor:

Inspira-me tambem: que intento, embora ouzado, Do luso Fénelon quantar raios gentis, Do subio luminar de Trento assignalado, De ardente caridade apostolo feliz.

Feliz quando da bôca o escasso pão tirava, Para a fome matar dos pobresinhos seus; Mortas paredes quando alegre despojava, Para as viras vestir, que lhe confiara Deus.

Que terno amor de pae! e que santa humildade! Que zelo pastoral! que ardor de salvação! Que inteira fortaleza e nobre magestade Na defeza da Igreja e honra da religião!

I

E' rigoroso inverno. A neve alveja Em monte e valle em frigido tapiz; Fragaes, arida é a via; e lá negreja No triste e opaco ceo plumbeo cariz.

Pelas ormas quebradas rugo o vento, E já das nuvens fria chuva cae: Mas nada turva o fundo pensamento Em que o santo pastor innumero vae.

Do sequito apartado, a natureza Repasos o entendimento e os olhos seus: E a sua formosura, horror, grandeza, São-lhe incentivos ao louvor de Deus.

Em alta penha e descoberta posto, Eis perto á vista sua appareceu Pobre menino, ao vento e á chuva exposto, De roupas mal provido o corpo seu.

A' intemperie insensivel, vigiava De esparsas ovelhinhas mansa grai, Que as broncaes plantas do alcautil pastava, E a quem a sua voz impunha a lei.

O asp'ro logar, do tempo a inclemencia, A leve veste o Antiatite notou; Do pobresinho a idade e a paciencia Ao coração de pae não lhe escapou.

E junto á penha uma lapinha via, Que abrigo dera contra o vendaval, Seismando como alli não se acolhia O pequenino e misero zagal.

No terno peito a piedade entrava; O tardo passo á mula suata pois; E encantador dialogo se trava, De sabia lição fertil, entre os dois:

—«Desce abaixo á lapinha, pastorinho, Vem-te n'ella da chuva resguardar; Que, tam mal enroupado, esse corpinho Sofre e periga exposto em tal logar.

—«Isso não, padre meu, porque se alerta Não estou, se não abro os olhos bem, Ou mata-me o cordeiro a zorra esperta, Ou a ovelha levar-me o lobo vem.

—«Que mal vae n'isso?—A mim mui grandeiria, Pois contas devo em casa dar ao pae, Que bradará commigo, e tam bom dia, Se elle dos raios o clamor não sae!

Por ordem sua as rezas eu vigio, Elle severo me vigia a mim: Mais vale pois soffrer a chuva e o frio, Que á vara sua aventurar-me assim.»

Mudo e quedo o Arcebispo se ficara Em tam anbia resposta a reflectir; E o sequito esperando, o que passara Co'o menino se apressa a repetir.

—«E este roto innocente eis ensinando A ser Prelado a Fr. Bartholomeu, As minhas ovelhinhas vigiando, Por mais tormentas que fulmine o ceo.

Pois se, tam sem resguardo p'ra affrontal-as, Não lhes busca sollicito fugir, Preferindo o rigor de supportal-as A do pae o mandado não cumprir:

Que plausivel razão dar eu podera, Se omisso descurasse o meu dever, Porque a saude molestar temera, Ou um pouco de frio padecer;

E se o rebanho assim desamparasse, Cujo cuidado me confiou Jesus, Para que desvelado o apascentasse, E para o ceo lha fosse guia e luz?»

E ou das nuvens desabe a chuva fria, Ou rajam nas quebradas vendavaes, Sem cuidados, amor, doutrina e guia O seu rebanho não deixou jámaiz.

A. Moreira Bello.

## RETROSPECTO

### Chronica

Portugal.—Quasi nos deviamos dispensar de, por esta vez, nos referirmos a assumptos da nossa patria. A digressão da familia real anda tão relatada e soada, que as breves linhas que lhe damos parecem esquecimento do *ne quid nimis* do philosopho atheniense. Emfim, sempre é bom archivar. Por varias vezes a familia real portugueza tem feito notaveis excursões no reino, sempre victoriada, aclamada, idolatrada, porque o povo, longe de ser o que mentidamente anhela uma meia duzia de famintos republicanos, é afeiçãoado ao throno, e inimigo d'uma ordem (aliás desordem) de coisas, que alguém lhe amostra no futuro, sem a utilidade de supprimir nenhum dos males presentes, e com o inconveniente de os duplicar, centuplicar talvez. Esbofam-se com promessas de economias, os farçantes. A republica brasileira ahi está demons-

trando a força de simillantes promessas.

SS. MM. pois e o príncipe real D. Luiz visitaram as cidades do Porto, Braga, Guimarães e Vianna, deixando sympathias por toda a parte. Como nunca talvez, foi esta visita dirigida ao povo: os monarchas entraram nos hospitaes, nos asylos, albergues, fabricas e officinas; viram os enfermos, os pobres e os orfãos; quizeram examinar as classes obscuras, os genuinos alicerces de seu throno, e talvez se alegrassem ao ver que se a summidade lhes oscilla, nos fustes e nas bases ha que farte solidez. E' certo: o povo, apesar de esquecido e onerado com tributos de sangue e dinheiro, conserva ainda o amor á patria e o amor ao rei. Os monarchas portuguezes acabam de ver isso com os seus olhos e ouviu-o com seus ouvidos. Regressando aos seus paços não esqueceram o povo, carecido de auxilio forte na protecção á agricultura, no impulso á industria, e sobretudo no disvelo por seu bem moral, deixando-se a Igreja livre no gozo de seus direitos, e enfreado-se, e destruindo-se, com o zelo e prudencia que se possa, as furias do erro, que por toda a parte agitam febrilmente a sociedade contemporanea.

Uma nota funebre destaca-se no emtanto, infelizmente, d'entre os echos erGUIDOS ao espaço pelas harmonias musicas, combinadas com as aclamações populares. Desejamos que essa nota mal soante seja o recio infundado de timidos e não vaticinio do futuro, tanta vez posto pela Providencia nos labios dos simples. A nota amarga é que o outro dia das festas vai ser assigualado por um desastre nacional, ou augmento de impostos, ou doença grave em algum da familia real.

E' temerario o pensamento: Deus atenda os votos do povo e conceda-lhe benignamente a tranquilla prosperidade de que ha mister.

*França.*—Monsenhor Gouthe-Soulard, arcebispo d'Aix, rodeado das sympathias dos catholicos e congratulado por todos os seus collegas, compareceu, no dia 25 do mez passado, perante o tribunal d'appellação de Pariz, pelo crime que em todos os séculos arrasta deante dos tribunaes os confessores da fé. O intrepido prelado, amando a Deus mais que aos homens, incorreu nas iras miseraveis do sr. de Falières, que o fizera julgar e condemnar. Os catholicos, nobremente indignados, auhelam ao impio ministro, enumerado com razão entre os perseguidores da Igreja, que ao comparecer no tribunal de Deus, onde em breve será julgado, obtenha misericordia para o crime que praticou. Monsenhor Gouthe-Soulard foi multado em 3:000 francos. A mais

expontanea e enthusiastica ovação coverrou o sacrificio do nobre antistite, primeira victima do Kulturkampf em França, cujas consequencias será difficil de terminar. A iniqua sentença é o documento mais frizante do anti patriotismo e anti-catholicismo das auctoridades francezas. Aos gritos insultuosos da plebe italiana: *Viva Sedan! Abaixo a França!* responde o ministerio francez com a pena infligida a um venerando membro do episcopado. Abriam se suas descrições (até na redação do *Figaro*) para cobrir a somma em que foi condemnado Monsenhor Gouthe-Soulard, notando-se uns louvaveis excessos n'esta porfia de dedicções. Um catholico offereceu para um asylo do intrepido arcebispo uma quantia dupla da pena que lhe foi imposta. E' esta uma das raras conjuncturas em que é preferivel ser reu a ser juiz. «Se vos perseguirem por causa do meu nome, a mim é que perseguem, disse o Salvador.»

*Italia.*—A guerra sem treguas declarada pelos impios ao venerando Pontífice, incita seus filhos lazes a duplicarem esforços e affectos para lhe dulcificar o rude captiveiro em que está posto. A commissão central executiva das festas jubilaes, além de promover uma collecta mais avultada para o dinheiro de S. Pedro, numerosas peregrinações italianas, um monumento moral em cada diocese perpetuador da memoria do grande pontífice, estatuiu fazer celebrar cada semana duas missas, uma pela segurança de S. Sanctidade, outra pela conversão de seus filhos transviados; fazer appello ás associações de S. Pedro, de Maria Immaculada e da União Catholica, para que auxiliem a commissão; nomear uma commissão de damas romanas, incumbindo-lhe as vestes com que o Pontífice hade celebrar no seu jubileu.

E' a força do amor a destruir a do odio. Com razão o eminente cardeal Langenieux dizia ha pouco aos estudantes parisienses, que «em companhia do Papa se passa como no lar domestico, quando o pae e a mãe recebem o filho estremecido, demorado longe por seu trabalho e seus negocios.»

E' de crer sejam em 14 do corrente o consistorio secreto e em 17 o consistorio publico, tendo o Sancto Padre essejo para declarar seu sentimento pelos escandalos recentes ácerca da abolição da lei das garantias.

O Congresso Eucharistico de Napoles tornou-se importante manifestação de vida catholica. Varios prelados, pessoas da mais elevada posição social, fleis distinctos pelo seu zelo e fervor, unem-se movidos por um pensamento salutar, que devêra pôr hoje em actividade as nações catholicas, a exemplo da

Belgica, da França, da Allemanha e da Hespanha. N'este numeroso congresso achou se o Monsenhor Grayelle como representante official do soberano Pontífice. Os discursos mais notaveis foram o do advogado Paplati, sobre a necessidade d'uma legislação consoante o direito de que Deus é a fonte, o do sr. Paganuzzi, reclamando a restauração do poder temporal, o do arcebispo de Collossio, propondo se faça em Roma o congresso no anno futuro. Uma magestosa procissão, com *Te Deum*, e illuminação em toda a cidade, foi o remate condigno de tam animada manifestação.

## Noticias

*Immoralidades punidas.*—As *Bellezas Parizienses*, por Arno Mayer, produziram ao auctor a pena de 3 mezes de prisão e 3:000 francos de multa. O administrador e o gerente soffreram igual pena, a viuva Varrin, que no seu kiosque expoz aquella immundicie, foi punida com 200 francos de multa.

O tribunal correccional de Verviers (Belgica) fez encarcerar por 26 dias e multou em 26 francos os vendedores dos supplementos pornographicos da *Lanterne*.

*Congresso da paz.*—Muitos deputados austriacos, diz a *Integridad*, convidados para este congresso, realisado ha pouco em Roma, consultaram o Summo Pontífice se podiam assistir a elle, sendo catholicos. A resposta foi negativa, como devia esperar-se, baseada em que sendo obra da maçonaria, era incompativel com a assistencia dos catholicos.

*Anno Christo.*—Achando-se concluida esta obra, quem a assignou na Livraria Teixeira de Freitas, da rua de S. Damaso, pôde alli fazer os pagamentos e receber os fasciculos que lhe faltam.

*Religiosas condecoradas.*—Diz a *Croix*, que a chancellaria da Legião d'honra publicou a lista completa das mulheres condecoradas. São 40 as que obtiveram esta notavel distincção, das quaes 26 pertencem ás ordens religiosas. Grey e Carnot penduraram a ambicionada insignia ao peito de 22 d'estas valorosas heroínas. «Estes sujeitos, acrescenta a *Croix*, com uma mão honram as freiras, com a outra expulsam-nos das escolhas e dos hospitaes. Intenda-os quem pudér.»

*Caridade inglesa.*—Os heróes britannicos aprendem esta virtude nos codigos talmudicos: não beneficiar a ninguém, ou fazel-o de tal sorte que o favorecido seja morto sob o beneficio,

Mas em chegando a hora de receber alforge bem aberto, e no fim... nem muito obrigado. E' d'esta laia a caridade dos senhores dos mares. Ha tempos durante uma tempestade, o vapor inglez *Arbib-Brothers* corria grave perigo de naufragio a algumas milhas de Alger, estando prestes a desfazer-se contra a costa. O «Kleber», da companhia transatlantica, prestou-lhe soccorro, gastando um dia inteiro, exposto a grande risco, para levar o *Arbib Brothers* ao porto visinho. Querem agora ver as alviçaras dadas pelos donos do navio salvado? A mais torpe ingratidão. Allirmaram de nada serem devedores a companhia transatlantica, «cuja marinhagem empregada «no Kleber» praticanha apenas um acto de humanidade».

Este procedimento infame produziu litigio perante o tribunal commercial, que proferiu sentença contra os possuidores do «Arbib Brothers», obrigando-os a pagarem cem mil francos. Os motivos são: a necessidade de estimular a presteza na assistencia dos sinistros maritimos; a obrigação natural de remunerar o auctor de qualquer serviço prestado, mórmente quando um arisca a sua propriedade para salvar a de outrem; o modo de proceder habitual das nações maritimas, ao qual uma excepção d'estas seria uma vileza.

Ora aprendam os senhores inglezes a usar d'algunha honra com quem os auxilia.

*O revólver.* — Quasi podemos dizer serem mais os desastres que os crimes, produzidos por esta arma fatal. Não raro noticiam os periodicos factos lastimosos, cuja frequente repetição devêra prevenir os incautos. Vã mais um para lição:

Em Buda-Pesth, andando a passear o conde Geza Bathyavi, embicou n'um obstaculo qualquer e caiu. O revólver que trazia na algibeira disparou-se, e o conde ficou mortalmente ferido.

Ainda outro:

Em Aix, um alumno do lyceu caiu ferido, na sala de estudo, por se lhe ir alojar nos rins uma bala, desferida pelo revólver, que na sua rectaguarda um collega estava examinando.

Quem pois não receia manusear tam danoso instrumento?

*Templo catholico nos Estados Unidos.* — O «Novo Mundo», jornal portuguez de New-Bedford, descreve largamente a solemnidade alli celebrada, em 25 do mez passado, para a benção da primeira pedra d'uma igreja catholica, dedicada a S. Thyago.

«A's tres horas, diz a mencionada folha, começou a sahir da eschola parochial uma longa procissão de diversas sociedades, uma banda de musica em

direcção ao local da cerimonia. Na frente ia arvorada a cruz, e depois viam-se os diversos estandartes das sociedades puramente religiosas.

Passaram pela nossa igreja e residencia parochial, pela nossa redacção e por diversos outros logares. As ruas achavam-se litteralmente cheias de povo.

Ao chegarem junto ao local da nova igreja esperava-os o clero com suas vestes coracs e o nosso Bispo, paramentado para a cerimonia de capa pluvial, mitra e baculo.

Era imponente ver n'um paiz protestante o clero com o seu prelado marcharem assim paramentados, por meio da multidão que se abria respeitosa na sua passagem.

Subindo ao estrado, ahi se achavam as autoridades administrativas e municipaes da cidade—todos protestantes, —diversos convidados, um ministro protestante e os representantes da imprensa.

Depois d'um hymno sacro houve o sermão pelo Rev. Francis Ryan, da Companhia de Jesus, que de Nova York veio expressamente para esse fim.

Em frente do eloquente Jesuita achava-se uma multidão de mais de 12.000 pessoas; seguramente um terço da população d'esta cidade. Foi breve, mas impressivo e sublime.

Seguiram-se as ceremonias da benção: n'essa occasião vimos os proprios protestantes curvarem-se perante o illustre prelado, quando elle da plataforma, voltado para a rua, abençoava a todos.

Que differença da America para os Açores e Portugal!

Ha 70 annos, ninguem em New Bedford julgaria que em pouco mais de meia centuria metade da sua população seria catholica.

A propria imprensa protestante, mesmo a d'aqui d'esta cidade, que sempre que pode nos ataca, não pode deixar de confessar o augmento do catholicismo e a imponencia das suas ceremonias.

O STANDARD, um dos mais acirrados da cidade contra nós, não pode deixar de dizer que a cerimonia do dia 25 d'outubro fora mais imponente que qualquer das protestantes celebradas n'esta cidade, d'ha um anno a esta parte.

O local onde vai ser construida a nova igreja é um dos melhores, na parte sul da cidade, e foi comprado por 18 contos de reis por um nosso patricio e distincto homem de influencia entre os seus e os estranhos, o Sr. Antonio L. Silva.

E apraz-nos registrar aqui, que poucos dias depois da compra, e antes d'elle ter passado os documentos á con-

gregação irlandeza, sabendo alguns protestantes que o terreno era para catholicos, offereceram-lhe mais cinco contos de reis do que o custo, o que elle porém recusou generosamente.

A nova igreja será de pedra e tijolo e terá capacidade para sentar 1:200 a 1:500 pessoas. Os trabalhos de construcção continuam activamente.

No dia 25, ao terminar o sermão, alguns membros do clero percorreram a multidão com o fim de obterem doativos para o novo edificio, e em menos de dez minutos estavam juntos mil e seis centos dollars (cêrca de um conto e seis centos mil reis.)

O resultado anterior é prova bastante eloquente do amor e respeito dos catholicos americanos pela sua religião e crenças.

Aos irlandezes, não obstante seus defeitos e faltas, como mortaes que são, aos irlandezes, dizemos, deve a America o seu progresso e augmento diario do catholicismo.

Felicitando o Rev. Clark pelo seu trabalho e dedicacão pela causa de Deus, de quem é ministro, e do povo, de quem é pastor, congratulamo nos com todos os catholicos da cidade em geral.

E' raro o domingo, em que o telegrapho nos não communique, aqui a benção da pedra angular d'algunha nova igreja catholica, alli a dedicacão d'outra e mais alem a consagração d'outra ainda.

E' bello e esplendido um tal espectáculo.

E para um seculo positivo como o nosso nenhuma resposta ha mais eloquente e peremptoria para os ataques dirigidos aos catholicos do que o levantamento de templos e continua formacão de novas congregações e parochias.

*Umaz notas de Lourdes.* — As agglomerações, diz a Chronica hebdomadaria da Gruta, ainda formadas por um motivo de fé, podem trazer perturbacão a certas almas, ávidas de recolhimento e de silencio. Comprehende-se pois, que um publico especial preferisse o mez findo, relativamente socegado, para satisfazer sua piedade no santuario de Maria. Qual, attribulado em suas mais intimas afeições, recorre á grande Consoladora dos afflictos; qual, na solidão e no retiro, sonda os impulsos de seu coração, antes de se ligar por votos eternos ou contrahir uma aliança. Eis familias inteiras, que pagam uma divida de gratidão, em tanto que em derredor, infernos assás numerosos imploram a Esperança dos desgraçados.

Um irresistivel attractivo acorrentam esses peregrinos á Gruta miraculosa.

Em 18 de novembro, os frequentadores do sanctuario poderam contemplar no altar um prelado ainda joven, vindo do Norte da America, Monsenhor Vertin, bispo de Sault de Sancta Maria de Marquette, que atravessára o Atlantico, estimulado por duplo desejo de ver Lourdes e visitar Roma.

No mesmo dia, não sem viva emoção, dóze religiosas de S. José de Chambery beijaram pela ultima vez o pavimento da Gruta abençoada.

No momento de abandonarem as familias e a patria, obtiveram a honra insigne de visitar esta mansão de prodigios. E' bem incerto o futuro que se desdobra deante d'ellas. O Brazil, que vai ser o theatro de seu apostolado, acha-se abalado por uma revolução cujo termo não é facil de prever: as intrepidas religiosas, confiada sua missão ao patrocínio de Maria, e fazendo sacrificio de suas vidas, se tanto fór preciso para salvação das almas, partiram cheias de confiança, em demanda da longinqua plaga aonde as envia a sancta obediencia.

\* \* \*

Uma donzella, de 18 annos, moradora na villa de Aveyron, recebeu ha pouco um dos mais assignalados favores da Santissima Virgem. Implorava ella uma d'essas graças intimas, uma d'essas mercês eminentemente poderosas, de que depende a serenidade d'uma vida, e principalmente a salvação eterna. Urgia um milagre do céo, já que a terra era impotente em semelhante conjunctura. Esta joven recorreu a Nossa Senhora de Lourdes, a quem dedica profunda confiança e amor sem limites, e attendida na realisação de seus desejos, envia do imo de seu ser, e com todo o coração, este grito que repetirá por todos os dias de sua vida: Graças e louvores por todo o sempre á Virgem Immaculada!

\* \* \*

Outra acção de graças, dirigida de Touraine por uma aspiranta á vida religiosa:

«Desde muito desejava consagrar-me a Nosso Senhor e implorei para isso mui confiadamente a Nossa Senhora de Lourdes. Esta boa Mãe dignou-se attender-me generosamente, obtendo-me o consentimento materno, e hoje sejam dadas graças á Immaculada Maria, que desprende os meus laços para toda me entregar a Jesus. Encomendo a Nossa Senhora de Lourdes a minha perseverança na vida religiosa, a conversão de meus irmãos, a perseverança de meu irmão mais velho, a minha familia, a minha communidade.»

\* \* \*

Mais um terceiro favor participado de Versailles: Curada em Lourdes—diz uma serva da Sancta Virgem—d'uma

pleuresia chronica, que ha muitos annos me torturava, soffria eu tambem d'uma doença moral gravissima, mais grave ainda que a primeira, pois frequentemente me punha no perigo de offender ao meu Deus, por accessos de desespero que me accommettiam. Nada me podia livrar d'esta situação lastimosa, nem orações, nem entretenimentos, nem exhortações. Eu não cessava de repetir: «Para mim já não ha perdão; ha tantos annos que eu oro, e imploro orações, mas tudo sem o menor resultado.»

Mandou-me porém a Lourdes o meu confessor, e alli se manifestou para commigo o effeito do amor maternal de Maria. Não só me vi curada da pleuresia, mas sobretudo da minha triste doença de espirito, apezar de motivos que deviam tel-a aggravado. Desde então a minha tranquillidade e a minha confiança não conhecem limites, e as pessoas de minhas relações andam maravilladas da mudança que em mim se dera.

Faltaria por certo á gratidão para com Nossa Senhora de Lourdes, se não publicasse as graças d'ella recebidas. Digne-se ella acceitar agora o sacrificio da minha vida pela conversão de meu pae, o que me permitiria ir manifestar-lhe no céo o meu reconhecimento, sem temor de nunca mais a offender.

Dezembro—1.

R.

## VARIEDADES

### Sancta Catharina

(Continuação do n.º antecedente)

#### VI

Maximino, apenas viu a luz do dia, ao sair dos subterraneos do Serapeum, mandou sellar os cavallos, pôr em ordem de marcha um exercito de soldados e escravos, e dirigiu-se a uma cidade da foz do Nilo, uma de suas mais notaveis fortalezas.

Cria-se vingado dos despresos da joven patricia, e a paixão que momentaneamente o saltára, convertera-se em odio inextinguivel.

Ella expirava, pois, da morte mais cruel, estendida n'um lago de sangue, dentro d'um lugubre calabouço, sem uma gotta d'agua a calmar-lhe a sede nem um bocado de pão a diminuir-lhe a fome.

Grande rumor lavrava comtudo na cidade de Alexandria. Reinava a desolação no palacio de Catharina, occupado agora pela tropa ás ordens do imperador, que alli fazia um saque de selvagens.

As matronas, os domesticos, as viúvas, as amigas, os pobres todos por ella soccorridos, os numerosos christãos maravillados de suas virtudes, os sacerdotes, e até grande numero de pagãos impressionados de suas doutrinas, allouiram a prostrar-se aos pés da imperatriz supplicando-lhe valimento.

Ora, n'aquella noite, teve Faustina um sonho que a enlevou e apavorou ao mesmo tempo. Viu Catharina mais bella ainda do que fóra em sua vida mortal, vestida d'um habito talhado d'um só diamante, cingida por um cinto azul celeste e adornada por duas azas feitas da substancia das estrellas. E Catharina, transportada por espiritos bemaventurados sobre nuvens douradas, approximava-se d'ella, coroava-a com flores que jamais vira, flores na apparencia formadas por gottas de sangue transparente.

E dizia Catharina, depondo-lhe a corôa nos cabellos entrançados, em que scintillavam as perolas e d'onde resscendiam os mais delicados perfumes:

—Augusta Faustina, pelas mãos de teu esposo foi deshonrado o teu diadema imperial; regeita o para longe, e recebe em seu lugar esta corôa preciosa, brinde que te envia o meu esposo celestial, em prova de que te enumera na conta de suas dilectas.

Despertando a imperatriz, turbada um pouco das impressões do sonho, manda chamar Porphyrio, o capitão favorito do imperador, a quem estava confiada.

Não lhe revelou a visão que tivera, mas informou-o do empenho de ver Catharina.

Para isso carecia o capitão de alguns dias, destinados a subornar varios sacerdotes de Serapis, magos e guardas do templo. Por fim, obteve entrada no carcere, indo, acompanhado por uma mulher cujo nome não designou, á enxovia occupada por Catharina.

Com effeito, logo que as sombras da noite se tornaram assás espessas, Faustina e Porphyrio penetraram clandestinamente no Serapeum, e, por corredores secretos, chegaram ao fosso onde ha alguns dias agonisava a intrepida martyr.

Ninguém suppunha a fossem encontrar viva. Mas viva estava ainda Catharina! E apezar de não ter comido, nem bebido, nem dormido por toda a semana, recolhida n'um antro infecto, cheio de reptis e insectos venenosos, sem mão caridosa que lhe estancasse o sangue das feridas, viu-a a imperatriz, ao clarão das tochas, tam esbelta, magestosa e serena, como se habitara um aposento de seu palacio.

Nem um vestigio dos golpes recebidos, olhos vivos e brillantes, cor rozada animando-lhe as faces, nem a mo-

nor mancha sobre a ampla estola de lã branca, emtanto que do seu corpo parecia irradiar-se um fulgor sobrenatural.

Faustina, surpresa, contemplava a Sancta sem se animar a falar-lhe; Porphyrio prostrava-se ajoelhado.

—Nobre Catharina, aventou por fim a imperatriz, segurando a mão da donzella para a levar aos labios, vejo que foste visitada por Deus, e de sua vontade obtiveste um prodigio.

—Sim, Augusta. O meu divino Esposo deu-me coragem n'esta provação... Crê n'elle, pois que tanto sabe consolar!... Rapido volve o tempo... Extincta esta miseravel vida, começa para a alma uma eternidade sem fim.

Então Faustina, com voz commovida, narrou o sonho que a sobresaltara.

—Bemdicto Deus! exclamou a patricia. A sua bondade indica-te claramente o caminho que tens a seguir... Vós sois christãos, augusta Faustina e nobre Porphyrio... E se não recebestes ainda o baptismo da agua, haveis de receber o baptismo de sangue, por que, antes de tres dias, eu vol o affirmo confessareis por vossa morte a fé de Deus, nosso Senhor, obtendo gloriosamente a palma do martyrio!

## VII

Maximino Daja, voltando de seu retiro, pensava ainda em Catharina, e pranteava-a ao supplicio a morte entre as torturas da fome e as agonias do abandono.

Ficou por demais admirado ao saber que vivia ainda.

Julgou que os guardas, desleaes a suas ordens, lhe tivessem levado alimentos, e ordenou morressem supplicios. Mas apenas Catharina compareceu deante d'elle, confessando em alta voz que só vivia por milagre, que a ninguém os guardas communicaram a senha, e mesmo a pedido d'ella deram cumprimento ás ordens deshumanas de seu senhor, grande foi o espanto de que se viu dominado aquelle despota feroz.

—Pois se tam poderoso é o teu Deus, allegou o imperador, eu tambem quero ser do numero de seus adoradores. Renuncio a Serapis, Neptuno, Hercules...

Determinarei se quebrem seus altares, se derrubem seus templos... Tu poderém, Catharina, has de ser imperatriz.

—Cego! exclamou a virgem... Querres pois que o teu primeiro acto de adoração seja um crime?

—Muitos imperadores tiveram duas mulheres!... e visto que Faustina quiz visitar te na prisão, que te preste honras. Tornaste-te amiga d'ella, cedo-te pois o seu lugar...

—Calate! Essas palavras são uma offensa que me diriges. Volto ainda a affirmar-te que não quero ter outro senhor, outro esposo que o meu Salvador Jesus Christo. Manda-me ao cadafalso, se por ventura ao teu orgulho escaceiam forças para supportar a minha recusa, se tua paixão exige a effusão de meu sangue até á ultima gotta. Cessa, porém, de proferir palavras quebauham a minha fronte do suor da vergonha.

—Mulher orgulhosa! Terás a punição que mereces!...

—Punem-se tam só os criminosos. Maximino! Se te apraz, entrega-me nas mãos dos algozes; não desfallecerei. Serei porém o que prometti ser, uma escrava de Jesus Christo, sacrificada pelas peccadoras como eu e pelos peccadores como tu.

—Acceito o desafio que me propões. Longe de mim!... vociferou exasperado.

Recollida outra vez a sancta na sombria masmorra, guardada por um tropço de soldados, foram citados á presença do imperador os mais habéis serralheiros da cidade. Tractava-se de a expor a supplicios jamais supportados, quebrar-lhe a resistencia com um espectáculo que prostrasse os mais ousados.

Eacommendou Maximino tres rodas de ferro, guarnecidas ao longo das pinhas com laminas de buido aço, e pontas aceradas nas circumferencias. Estas rodas deviam funcionar de tal modo que o movimento d'umas fosse em sentido contrario ao das outras. Ligar-se-ia firmemente a joven donzella a uma das rodas para que as outras, postas em movimento, a retalhassem em mil partes, arrancando um por um os pedaços da carne e dispersando-os ao vento até não restar mais que os ossos ensanguentados.

Este aparelho, d'uma requintada barbaria, apenas concluido, foi levantado n'um dos vestibulos do palacio. Trazida alli Catharina, de novamente instalada a obedecer aos desejos imperiaes e a sacrificar aos deuses, ameaçaram-na de ser espedaçada se persistisse renitente.

A magnanima patricia, nem sequer deu resposta ás sollicitações importunas do tyranno.

Baldadamente lhe foram renovadas as mais tentadoras promessas; inutil o pranto e a humilhação do imperador em sua presença. A joven, tranquilla e magestosa, apontou com gesto indifferente o instrumento do supplicio e elevou aos céos os olhos irradiantes.

O cruel imperador, entre blasphemias horribes, ordenou então se apressasse o sacrificio. Foi a virgem tenazmente apertada ao instrumento; estendeu aos algozes os braços para receberem as cadeias, e de sorriso nos labios e olhar sereno, mostrou-se resoluta aos tormentos e á morte, como se se dispozera para alegre festividade.

Um grito de agonia e terror ergueuse de todos os lados, quando o feroz Maximino ordenou fossem as rodas postas em movimento. Mal porém lhes deram os algozes o primeiro impulso,ouve se um clamor infernal: acabavam as tres rodas de se fracturarem em estilhas. Os fragmentos, as laminas, as pontas agudas, voaram em todas as direcções como expellidas por uma força explosiva, caindo mortos ou feridos muitos dos circumstantes. Catharina, de pé, com as algemas espedaçadas, sem a menor ferida, agradecia a Deus fervorosamente o tel-a assim preservado.

De novo a transportaram ao calabouço. O imperador, emtanto que retiravam os mortos e os feridos, exalava infurecido imprecações desesperadas; quando no portico do palacio apparece Faustina com suas damas e o capitão Porphyrio.

Coberta de lucto, avançou para o imperador que, de repente, vendo a ajoelhada a seus pés, susteve se e calou-se.

—A que vindes, mulheres, guinou emfim Faustina, que pretendes?

—Que poupes essa joven, a quem o seu Deus protege contra ti!

(Continúa)

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meio anno.

O anno começa no 1.º sabbado de janeiro

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO — NEGRELLOS. Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.